

Expectativa com reunião do BID provoca alta no mercado secundário

por Tom Camargo

de Londres

A espera de que a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que se realiza em Amsterdã, emita sinais mais precisos sobre como o Plano Brady será implementado e qual será seu impacto sobre seus negócios, o mercado secundário da dívida soberana teve ontem, em Londres, mais um dia volátil, no qual os preços dos títulos emitidos por países em dificuldades sofreram variações ainda maiores do que as habituais.

"Mesmo que o Fundo Monetário e o Banco Mundial acabem por ter um papel menor do que o previsto originalmente, ninguém parece ter dúvidas de que as conversões da dívida em investimentos e outras formas de negociação de ativos baseados na dívida terão papel de destaque em qualquer programa de redução no endividamento da América Latina", disse a este jornal funcionário graduado da mesa de "swaps" da Shearson Leahman Hutton.

Essa observação está relacionada com declarações feitas por duas importantes fontes, no domingo, em Amsterdã, durante um seminário promovido pelo banco holandês NMB, em associação com o BIRD e o Ministério das Finanças da Holanda. Discorrendo sobre como se poderiam restaurar fluxos financeiros para a América Latina, o presidente do influente Comitê Interno do Fundo, H. Onno Ruding, foi enfático em sua crítica à idéia (um dos eixos do Plano Brady) de usar o FMI e o Banco Mundial como avalizadores do processo de redução da dívida soberana junto a bancos comerciais, sugerindo que isso significaria a virtual concessão de uma fiança aos bancos. Mas Ruding também disse que o Fundo vê com bons olhos os "debt-swaps", uma posição que deve ser referenda hoje pelo orador oficial do Fundo, seu diretor executivo, Michel Camdessus.

Outra voz importante, a do subsecretário do Tesouro norte-americano (portanto, segundo de Brady), David Munford, insistiu em que os países devedores deverão submeter-se às condições impostas pelo Fundo e pelo Banco Mundial, mas também sublinhou a importância de certas ferramentas financeiras — e em especial as conversões da dívida em investimento — na nova investida para a

redução das obrigações latino-americanas.

"O mercado está passando por uma fase de iliquidez (isto é, poucos títulos à venda) e as palestras de Amsterdã (de Ruding e Munford) fizeram os preços subir ainda mais do que na semana passada... mas a situação está me parecendo um pouco artificial", disse um operador do Salomon Brothers.

Outro operador, este ligado a um banco de investimento inglês, disse que "o mercado está sem rumo... não há indicações a seguir".

Ontem, alguns títulos de países tiveram um aumento de até 5 centavos de dólar em seu valor no secundário, isto depois de uma forte semana de alta antes do anúncio do rascunho do Plano Brady, uma queda pronunciada logo em seguida e nova alta, durante a semana passada, quando o fechamento indicou que os principais papéis tinham voltado ao patamar máximo durante o ciclo de alta.

Os papéis do México, possivelmente o primeiro país a se beneficiar pelo Plano, ficaram ontem entre 39 e 41 centavos, quando há menos de dez de mercado estavam cotados a 33 centavos.

Os papéis brasileiros conseguiram de novo passar a casa dos 30 centavos, fechando ontem na faixa dos 31/32 centavos de dólar, pela qual já tinham passado num momento de extrema volatilidade, na quinta-feira da semana passada, dez dias atrás o papel brasileiro valia 26 centavos no dólar.

Segundo um observador do mercado, nem mesmo o fato de Brasília estar de novo atrasada no pagamento de juros teria tirado o impacto da informação.

O Chile, cujos títulos estão sempre em demanda mas cujos preços estão sendo considerados "irrealistas" (isto é, supervalorizados), teve seu papel cotado mais firmemente nos 55 centavos de dólar.

"De certa forma, o Plano Brady está afetando o mercado negativamente, pois os bancos estão deixando vendas em suspenso pois cogitam da hipótese de que poderão perder menos no âmbito do plano. Afinal, o Tesouro norte-americano já parece ter indicado que nenhum desconto aplicado aos portfólios dos grandes bancos locais será maior do que o volume de reservas existentes para a cobertura da dívida de países", disse um banqueiro.